

O LEGADO DE EVA - TRÊS CATEGORIAS DO FEMININO NOS PROVÉRBIOS MEDIEVAIS EM LATIM

Álvaro Alfredo Bragança Júnior
(UFRJ/FL/PPGHC/ABRAFIL)

I. INTRODUÇÃO

O tratamento acadêmico à matéria feminina nos dias de hoje pode assumir determinadas posturas metodológicas, as quais não estão isentas de engajamento social e político. Ou seguindo os discursos que ratificariam um poder masculino hegemônico, que coloca a mulher sob a tutela do homem ou procurando dar-lhe voz e entendendo aqueles mecanismos de dominação - veja-se, por exemplo, no campo da Historiografia, a corrente de História de Gênero, muito em voga nos dias atuais -, os caminhos e sendas que nos levam à figura feminina apresentam-nos variáveis sociais indiscutíveis. Devido ao espaço a nós limitado nessas reflexões propomo-nos a verificar sucintamente dentro do Sacro Império Romano-Germânico, entre os séculos XII e XVI, como os provérbios medievais rimados em latim, exercícios escolares para alunos das escolas eclesiásticas abaciais e catedralícias, veiculam o *modus cogitandi* da Igreja ou, pelo menos, da Cúria Romana em seu intento de alcançar o modelo perfeito da Cristandade, no qual as atividades das descendentes de Eva já estavam prescritas e cuja salvação dependia da incorporação do modelo mariano - AVE!

II. O MEDIEVO E A MULHER - ALGUMAS PALAVRAS

A caracterização do papel da mulher dentro da sociedade medieval apresenta-se como extremamente rica em detalhes. Não cabe aqui, devido aos objetivos deste trabalho, discorrer extensamente a respeito.

Em linhas gerais, podemos vislumbrar dois tipos de posicionamento social em relação à mulher. Sob um primeiro ponto de vista, citando Aurélio González *apud* Company (1991, 30),

temos a visão de padres da Igreja como São João Crisóstomo, Santo Antonino, São João Damasceno ou São Jerônimo, para quem a mulher pode ser *soberana peste, porta do inferno, amor do diabo, larva do demônio* ou *flecha do diabo*, posição que indubitavelmente implica na consideração da mulher como fonte do pecado.*

A opinião eclesiástica, a princípio, não seria favorável à figura feminina. Entretanto, o estudioso mexicano acima citado polemiza, ao lembrar que

a realidade da época nos apresenta uma situação na qual a mulher tinha muito mais possibilidades que as consideradas pela Igreja, e opções de desenvolvi-

* (Lanciani & Pavani 1993).

mento intelectual maiores que as que tiveram a partir do Renascimento. Por exemplo, tinha acesso à cultura inclusive nos níveis superiores como a escola livre de medicina de Salerno que desde o século X outorgava faculdades para exercer a medicina e a cirurgia tanto a homens como a mulheres. ...Também existiam escolas para meninas em um número similar ao dos meninos; exigia-se que todas as monjas soubessem ler e escrever e é assombroso o número de copistas mulheres que se encontra a revisar os colofones de manuscritos medievais. (*apud* COMPANY, 1991, 31)

Uma figura feminina, representada por Eva, tinha, pois, levado a Humanidade para o pecado, afastando-a do caminho do Criador. Do mesmo modo, porém, Cristo, o redentor da Humanidade pecadora, aquele que veio à terra restituir a união entre filhos e Pai, foi gerado pelo Espírito Santo no ventre de uma mulher virgem e sem máculas, Maria. Este exemplo de mulher poderia resgatar o próprio sexo feminino de sua antepassada pecadora. Sua vida é digna de ser cantada e imitada, tanto em igrejas quanto em cortes, e a união da mulher espiritual com a dama da nobreza impulsiona a produção literária da época.

Como vemos, então, a lírica mariana e o amor cortês enobrecem a mulher. A primeira, por relacionar e ressaltar as qualidades de Maria como mãe de Cristo, tais quais pureza, humildade, bondade, piedade, abnegação, resignação, dentre outras. Maria tornou-se a *regina mundi* e, paralelamente ao culto mariano, desenvolveu-se em fins do século XI e início do século XII na região da Provença, um tipo de lírica que podemos caracterizar nas palavras de Aurélio González (1991:36) como “feudalismo de amor”, onde vigorava todo um código de comportamento artificial, estilizado, baseado na humildade, subserviência do homem à mulher e na “cortesia”. Da Provença, passando pelas terras do Sacro Império Romano-Germânico, chegando até à Península Ibérica, a lírica trovadoresca e suas canções de amor e de amigo celebravam a mulher e o amor desejado.

Essa figura feminina, entretanto, surgia com freqüência nos *proverbia* medievais simbolizando o mal, razão pela qual acreditamos numa elaboração eclesiástica dos mesmos.

III. A IGREJA E A MULHER – (DES)CAMINHOS A SEGUIR

Ao estudar o papel da mulher e da criança na sociedade medieval, Jacques le Goff é taxativo em suas palavras:

Está fora de dúvida o facto de a mulher ter sido inferior. Nesta sociedade militar e viril, de subsistência sempre ameaçada e em que, por conseguinte, a fecundidade é mais uma maldição (e daí a interpretação sexual e procriativa do pecado original) que uma benção, a mulher não estava em posição privilegiada. (1984:42)

A primazia do homem dentro do seio familiar é reforçada pelo advento do cristianismo conforme os textos bíblicos. Em Gênesis 2, 21-24, Deus cria a mulher a

partir de uma costela do adormecido Adão para com ele habitar o paraíso terreno. Deixando-se seduzir pelas enganosas palavras da serpente, Eva trouxe as trevas da mortalidade contrapondo-as à luz da eternidade. Desde então, a espécie humana padece os sofrimentos dela oriundos.

Com a instauração do pecado original advindo das mãos femininas, justificava-se uma regulamentação e ordenação do mundo consoante o ponto de vista masculino. Na primeira epístola aos Efésios, 5, 22-24 São Paulo assevera o papel de obediência das mulheres aos seus maridos:

As mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja, seu corpo, do qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim o estejam também as mulheres a seus maridos em tudo.

Vê-se claramente a transposição da relação Cristo-Igreja para o âmbito sexual, onde o primeiro termo, masculino, deterá o controle sobre sua contraparte feminina. Outro fato digno de nota é a questão aí delineada da superioridade da cabeça, representada pelo filho de Deus perante o corpo, simbolizado pela instituição, o que confere a Cristo a posição de norteador do comportamento a ser seguido pelo restante do corpo.

Por conseguinte, à mulher cabia aceitar e seguir seu marido sem contestação e dedicar-se à família e à educação dos filhos de acordo com os ensinamentos cristãos, pois dela decorrem os malefícios, cujos efeitos são sentidos pela humanidade inteira.

Com o *referendum* da palavra bíblica, fonte da criação e ordenação de todo o mundo, os Pais da Igreja – do século II ao VI - puseram-se a fortalecer a vocação de santidade da vida feminina, através da manutenção da virgindade e práticas ascéticas, para procurar dirimir seu passado destrutivo para a espécie humana. Não obstante, tal posicionamento fez crescer o número de mulheres, cuja atitude independente poderia ameaçar o equilíbrio social medieval. Joyce Salisbury, em *Pais da Igreja, virgens independentes* (1995:17), resume os perigos personificados por essas ascetas segundo a ótica eclesiástica tradicional:

Eram duas as razões genéricas pelas quais os Pais da Igreja objetavam contra a independência das mulheres. Em primeiro lugar, os indivíduos que escapavam do controle eclesiástico direto representavam uma ameaça óbvia à homogeneidade social, e isso se aplicava a todos os ascetas, homens ou mulheres. Mas as mulheres celibatárias independentes colocavam outra ameaça, esta mais sutil, aos homens da Igreja (e também aos leigos) na medida em que perturbavam sua compreensão dos papéis sociais dos sexos e da própria sexualidade, acrescentando mais um imperativo ao controle patrístico sobre as mulheres.

Ressalte-se, do mesmo modo, a questão do exercício da sexualidade feminina como fonte de domínio do homem sobre a mulher. Através de uma vida ascética por parte de mulheres, que procuravam desprezar e sublimar os apelos da carne,

poder-se-ia abalar o poder masculino no campo sexual, como bem sintetiza Joyce Salisbury (1995:17):

No período clássico, que moldou as visões patrísticas, a sexualidade masculina e o poder estavam fortemente vinculados, enquanto a sexualidade feminina era associada à passividade. Assim, se a sexualidade de uma mulher definia seu sexo como subserviente, como conciliar isso com o ascetismo, que lhe concedia poder? Tratava-se de um problema extremamente sério, uma vez que a relação de poder entre homens e mulheres era considerada fundamental para uma apropriada ordenação do mundo.

Como continuação do pensamento patrístico, plasmador da teologia católica, sobre a figura feminina, esta é retratada pejorativamente na maior parte dos escritos literários ou não, se não se enquadram dentro do modelo cristão de dominação masculina. Contudo, a partir de fins do século XI e principalmente nos albores do século seguinte, com o crescente desenvolvimento urbano e requinte das cortes feudais, uma nova visão sobre a mulher começa a se impor dentro de parte considerável dos próprios círculos eclesiásticos de então. Para se contrapor à imagem de Eva, a pecadora, retoma-se Maria, a mãe de Deus, a imaculada, que concebera o Salvador sem pecado, sem conjugação carnal, como afirma H. R. Loyn (1992:264): “O culto da Virgem Maria, popular em toda a sociedade desde o século XI, era um equivalente eclesiástico do amor cortesão, o qual destacava a mãe do Cristo como figura simultaneamente divina e maternal.” Transpõe-se a imagem mariana para as mulheres nobres, instaura-se o “amor cortês”, que dignifica e redime a mulher.

Tal literatura, cujo papel central muitas vezes era atribuído a uma personagem feminina, preconizava, no fundo, a manutenção do **status quo** sócio-político do medievo. Em terras germanófonas, o *Minnesang*, canto de amor endereçado à figura feminina, exemplifica muito bem a condição de mantenedor da ordem social devido à sua bipartição em *hohe minne*, literalmente “alto amor”, poemas que tinham como personagens centrais um poeta ou cavaleiro e sua dama, esta última de alta linhagem, que muitas vezes retribuía ou não os préstimos a ela dedicados, configurando-se em produções estilizados que solidificavam no plano poético os laços políticos de vassalagem e em *niedere minne*, literalmente “baixo amor”, composições que eram feitas para moças humildes, não pertencentes às classes sociais elevadas, onde o sentimento amoroso, via de regra, era correspondido e consumado.

Os adjetivos *hohe* e *niedere* delimitam o espaço social de penetração e circulação dos poemas. Na corte, a humildade, a cortesia e o “feudalismo” do amor são características básicas do fazer poético, que devem não apenas deleitar, mas ainda enfatizar através da arte os parâmetros sociais a serem seguidos.¹ Fazemos nossas as palavras de Georges Duby (1995:11) no que tange à utilidade precípua deste tipo de produção literária:

1 Para um interessante estudo sobre a questão da lírica amorosa medieval a partir do século XII, cf. GONZÁLEZ, Aurelio, *De amor y matrimonio en la Europa medieval. Aproximaciones al amor cortés* In: COMPANY, Concepción Company (1991:29-42).

...todos esses textos foram feitos para serem declamados, e com frequência cantados, diante de um auditório. Todos, mesmo os destinados a divertir, tinham a função de ensinar. Não se preocupavam em descrever o que existia, tiravam da experiência cotidiana e sem se proibirem de retificá-la, elementos que proporcionassem uma lição moral. Afirmando o que se devia saber ou acreditar, buscavam impor um conjunto de imagens exemplares. Afinal, a literatura ... representa o que a sociedade quer e deve ser. Reconstituir um sistema de valores, eis tudo o que me é possível fazer a partir dessas palavras proferidas, repito, em voz alta e inteligível. E reconhecer nesse sistema o lugar designado às damas pelo poder masculino.

Os *proverbia* como exercícios de latim nas escolas das catedrais e nas universidades prestavam-se muito bem a imbuir no espírito dos jovens clérigos estudantes uma visão negativa do sexo fraco. Por estarem formando os futuros guardiões da palavra de Cristo e por extensão da própria Igreja, os *magistri* medievais associavam à mulher, na maioria esmagadora dos casos, os piores defeitos e vícios encontrados na sociedade. Seduzindo os homens, vendendo seus corpos como prostitutas, fornicando com animais e faltando aos deveres, obrigações e práticas comportamentais condizentes com uma esposa cristã, as mulheres desestruturariam o perfeito universo mediévilco embasado pela Verbo divino. Salvam-se como marcas positivas as alusões ao seu papel de mães e ao estado de virgindade.

Trabalharemos, contudo, neste artigo com as parêmias por nós selecionadas que apresentam duas condições e um papel social do feminino dignos de reprimendas no medievo: ter em sua essência a animalidade da **femina**, desempenhar sua função de **meretrix**, enfim, ser apenas uma **mulier**!

IV. A NATUREZA DEFORMADA - FEMINA²

Provérbio: **Femina quem superat, numquam vivit sine pena:**

Libertate caret, turpi constrictus habena.

Felices illi, quos non trahit illa cathena;

Heu, nisi mors faciat, non solvitur illa catena. (manuscrito B)

² Os manuscritos utilizados neste artigo e pesquisados pelo autor são os seguintes: a) manuscrito **B** - A.XI., Biblioteca da Universidade de Basel, Suíça. Werner considera a redação do mesmo como tendo sido feita no primeiro quartel do século XV. Trata-se de uma coleção de, na maioria das vezes, sentenças de duas linhas ordenadas alfabeticamente, ao lado das quais, com frequência, a fonte é citada; b) manuscrito **Ba** - o mesmo manuscrito, porém, contém entre as folhas 236-283 uma coleção de sentenças, provérbios e citações de escritores clássicos, que, do mesmo modo, são ordenados alfabeticamente. O citado manuscrito apresenta-se acrescido de aditamentos; c) manuscrito **D** - Darmstadt 2225, século XV (na capa, ano de 1410). Aqui temos o autor da seleção, Galfrido de Vino; d) manuscrito **K** - Munique, Biblioteca do Paço, século XIII; e) manuscrito **P** - Paris, Biblioteca Nacional, Lat. 6765, século XII; f) manuscrito **Sch** - Munique, Biblioteca do Paço e da Cidade, século XII; g) manuscrito **SG** - de Sankt Gallen, Biblioteca do Convento, século XV (1462).

Tradução: Aquele, a quem a mulher domina, nunca vive sem sofrimento:
Carece de liberdade, amarrado com uma torpe brida.

Felizes aqueles, a quem aquela corrente não arrasta;

Ah! A não ser que a morte o faça, aquela corrente não se soltará.

A análise do provérbio acima traz desde seu primeiro vocábulo pontos para consideração da mais variada ordem. Partindo-se de um estudo etimológico do termo *femina*, temos a definição de que este significa originariamente “fêmea” em oposição a *mas*, “macho”, passando a significar por extensão, “mulher”. O caráter primeiro da animalidade da mulher, pois, está expresso através do termo que a denomina.

Como outro tópico para reflexão presente na parêmia, observa-se a nefasta dominação feminina sobre o homem. Este, sujeitando-se aos caprichos da mulher, terá como recompensa *pena*, “sofrimento”, palavra essa que apresenta a já conhecida monotongação do ditongo *oe* do latim clássico. Lê-se na segunda linha da parêmia em versos *caudati*, que o pagamento recebido pelo homem é a falta de liberdade, simbolizada pelo termo *habena*. Para tais homens, que preferiram submeter-se aos desígnios femininos, apenas a morte lhes resta como possibilidade de libertação de sua prisão. Nota-se aqui, nos terceiro e quarto versos, o uso da forma aspirada *cathena* – terceiro verso – alternando-se com a forma clássica sem o *-h-* *catena*.

Para tentarmos corroborar nosso ponto de vista sobre a origem eclesiástica de tal provérbio, citamos o verso terceiro, *Felices illi, quos non trahit illa cathena*, em que se pode ler nas entrelinhas uma mensagem que demanda o afastamento do homem dos perigos que advirão da mulher. Tolos seriam aqueles que nelas confiassem, pois como afirma outra parêmia do manuscrito **B**, *Affirmant multi, custodia quod mulierum / Nil valeat; stulti nolunt perpendere verum*, “Muitos afirmam que a vigilância das mulheres / De nada vale; os tolos não querem reconhecer a verdade”, onde notamos mais uma vez a supressão do *-h-* medial em *nil* (forma clássica *nihil*). Neste provérbio escolar de versos *caudati*, evidencia-se uma diferença entre dois tipos de homens: representando os primeiros estariam aqueles que referendassem uma constatação sobre a nulidade dos cuidados femininos, e que abarcariam todos aqueles que seguem os ensinamentos de advertência contra a figura feminina. Por outro lado, os *stulti* caracterizariam aqueles que preferissem não acreditar na verdade, que, por exemplo, atribuía à mulher “o poder ... de corromper não somente o homem, mas quase tudo mais”(in SALISBURY: 1995, 45)

A força emanada da mulher sempre despertara a suspeita dos homens da Igreja. Joyce Salisbury (1995:44) afirma que “o temor da sexualidade feminina e outro, correlato, do que isso poderia causar à espiritualidade do homem, estende-se ao temor mais concreto do corpo feminino.” Este temor do poder de atração do corpo da fêmea está bem documentado nos diversos escritos patrísticos.³ Na Baixa Idade Média, encontramos o provérbio 14 em verso leonino no manuscrito de Sankt Gallen, onde o

3 A esse respeito cf. SALISBURY, Joyce E. (1995:26-65).

corpo feminino se torna receptáculo do demônio: *Femina vas sathane, rosa fetens, dulce venenum / Semper prona rei, que prohibetur ei*, “A mulher é o vaso de Satanás, uma rosa que fede, um doce veneno / Sempre inclinada para as coisas que lhe são proibidas”. Observa-se em *sathane* e em *que* a redução do ditongo *ae* para *e* das formas do latim clássico *sathanae* e *quae* e a monotongação do ditongo clássico *oe* para *e* em *fetens*. Decaída por natureza e por isso mesmo aliada ao demônio, a mulher traz consigo as marcas do caráter fétido de seu ser, do veneno que é inoculado em sua vítima masculina através de seu corpo e de suas palavras insinuantes e de sua predisposição biológica para o mal.

Um dos pontos que mais afastariam a mulher dos padrões morais do cristianismo seria sua propensão aos bens materiais. Para adquirir meios de subsistência, não há por parte da mulher meios ilícitos. Assim, no provérbio 20 em verso leonino do manuscrito **Ba** lê-se *Laudat quisque suum: sic laudat femina culum*, “Cada um louva o que é seu: assim, a mulher louva seu cu”, pois possivelmente ela dele fará instrumento para conseguir angariar meios para seus projetos pessoais de melhoria de vida. A advertência da voz proverbial contra a astúcia feminina para obter recursos faz-se sentir mais claramente na parêmia 6 em verso leonino do manuscrito **Ba**, *Basiat armigerum femina propter erum*, ou seja, “A mulher beija o escudeiro por causa do seu senhor”. Tem-se do ponto de vista morfológico na forma *erum* a supressão do *-h-* inicial do termo clássico *herum*, certamente pela perda da aspiração. No plano do discurso, a “fêmea” procura relacionar-se com o escudeiro de algum cavaleiro ou senhor feudal, para poder se aproximar deste último, fazer-se conhecida, chamar sua atenção e conquistá-lo, perfazendo assim um círculo de sedução, cujo objetivo seria no final das contas apropriar-se de parte de suas riquezas.

Em suma, a figura da *femina* é motivo de alerta para os vigilantes *virri*. Estes, portadores das virtudes de um cristão, estarão prontos para esperar pelas multifacetadas atitudes femininas, que visam o próprio ego, *Vulpes vult fraudem, lupus agnum, femina laudem* – manuscrito **Ba** 73 –, “A raposa quer o logro, o lobo o cordeiro, a mulher o louvor” e os lucros que podem auferir a partir de sua natureza sedutora, carnal e astuciosa. Em conluio com o demônio, a mulher torna-se, portanto, um adversário do homem, e *stultus* será aquele que nela confiar. Todavia, o homem imbuído do espírito de Deus e da palavra da Igreja a ela resistiria, sendo, porém, motivo de acre reprimenda e de perigosa desestruturação social o fato do varão aceitá-la e segui-la, pois como expõe a parêmia 20 em verso leonino do manuscrito **Ba**, *Res mala vir malus est; mala femina pessima res est*, “Uma coisa má é um homem mau; uma coisa péssima é uma mulher má”.

V. O CORPO VENDIDO - MERETRIX

Provérbio: **Cum sis vir fortis, ne des tua munera scortis!**

Scribitur in portis: meretrix est ianua mortis. (manuscrito **B**)

Tradução: Embora tu sejas um homem forte, não dês teus benefícios às prostitutas! Está escrito nos portões: a prostituta é a entrada da morte.

“*Janua Diaboli* – o portão por onde entrava o Diabo – era o epíteto patrístico para a mulher, herdeira direta de Eva, “a mulher é toda útero”, segundo Carlos Roberto Nogueira (1991: 104). Se, como analisamos em 7.4.1, a *femina* naturalmente tendia para o afastamento de Deus, a prostituta exerceria consciente e deliberadamente seu mister, o que a tornava aos olhos dos vetustos cônegos medievais uma abominável criatura.

Desde a Antigüidade greco-romana, a figura da prostituta apresenta-se marcada pelo vezo negativo associado ao trabalho com o corpo em troca de remuneração pecuniária. Em Roma encontramos *lupa*, literalmente “loba”, em Cícero com a acepção de “prostituta”, dela derivando em português a forma “lupanar” com o sentido de bordel. Há ainda o termo *scortum*, -i, “meretriz”, preso ao verbo *scortari*, “frequentar os prostíbulos, ser devasso, libertino” e ainda a forma *meretrix*, -icis.

No texto bíblico, faz-se remissão à fornicação como prostituição, dentre outros exemplos, em Ezequiel 16.20 e 16.29. Em Oséias 1,2, o Senhor fala ao filho de Beerí: “Vai, toma por mulher uma prostituta e tem filhos que te nasçam duma mulher que foi prostituta, porque a terra (*de Israel*) não cessa de se prostituir, abandonando o Senhor”. Alude-se ao termo “prostituta” pela primeira vez em Gênesis 34,31 e em Josué 6.17. No primeiro livro dos Reis, capítulo 16, versículos 16 a 28 é narrada a exemplar sentença do rei Salomão sobre o destino do filho de uma de duas prostitutas, conhecidas como “publicanas” por oferecerem seus serviços ao público. Em Provérbios 7, 10 e 11, temos os conselhos do rei Salomão para que seu filho se afaste dos caminhos que conduzem à casa da prostituta, “caminho do inferno que penetra até às entranhas da morte”. Mais adiante, no capítulo 23, versículo 27, a meretriz é considerada uma “cova profunda”.

No ainda difícil de ser compreendido Apocalipse de São João 17, 4 há a menção a Babilônia, a maior das meretrizes, que “estava vestida de púrpura, de escarlate, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, e tinha na mão uma taça de ouro cheia de abominação e da imundície da sua prostituição ...”.

Seguindo a tradição patrística, os teólogos da Idade Média consideravam a prostituição um dos mais abomináveis crimes cometidos contra a própria sociedade de fundamentação cristã. O estabelecimento e incremento da vida nas cidades a partir do final do século XI permitiram a consolidação do ofício da meretriz. O valor moral do ato de se prostituir foi veementemente condenado. São Tomás já se expressara a respeito: “O que é vergonhoso é a condição de prostituta, não o que ela ganha” (*apud* ROSSIAU: 1991, 12). Entretanto, o progresso científico e o desenvolvimento urbano, aliados aos seus efeitos sociais, operados especialmente nos séculos XII e XIII praticamente justificavam o aumento do número de “mulheres de vida fácil”. Jacques Rossiaud em *A prostituição na Idade Média* (1991:13) sumariza desta forma a questão da emergência da prostituição:

prostituição? Se a pobreza aumentava o número de mulheres disponíveis, o mundo dos amores venais nutria-se com a riqueza e diversificava-se com os

bens e as culturas. Em outras palavras, o crescimento que nos séculos XII e XIII tornou as sociedades urbanas complexas segregou naturalmente microssociedades de prostituição cujas estruturas e comportamentos refletiam pouco ou muito a diversidade do seu ambiente, esforçando-se para responder às suas solicitações. Não devemos nos esquecer que a sociedade é que cria a prostituição à sua imagem, ou que os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas às suas necessidades.

Contudo, admitir a necessidade das prostitutas dentro do tecido social medieval seria inadmissível dentro do círculo intelectual de origem eclesiástica. *Prostibula publica* havia em algumas cidades européias, assvera Rossiau (1991, 12), porém o discurso institucionalizado da Igreja procurava coibir seu funcionamento.

Os provérbios rimados em uso nas escolas dos mosteiros, catedrais, abadias e das universidades instruíam os futuros clérigos na arte de viver no mundo, porém negando-o em prol do paraíso celeste prometido por Deus. A tentação da carne já oferecia por si só um sério obstáculo à rígida observância dos preceitos católicos, a arte da sedução, em contrapartida, ligava os prazeres mundanos ao dinheiro. Falsos laços sentimentais seriam trocados através de transações financeiras, onde o corpo, tabernáculo divino, se transformaria em mero instrumento de luxúria e prazeres voluptuosos completamente perniciosos à ordem social cristã mediéfica. Insurge-se, nesse momento, a voz das parêmiás eclesiásticas.

No provérbio do manuscrito **B**, em versos *unisoni*, adverte-se o *vir*, o varão coroado pela *virtude* cristã, a não despendar o fruto de seu trabalho com as prostitutas. Nos portões das cidades deveriam ser afixados escritos, avisando os prováveis clientes das meretrizes, que, ao fazerem uso de seus serviços, estariam irremediavelmente condenados ao caminho da perdição e morte eternas, pois o sacrário representado pelo corpo humano, membro do corpo maior de Cristo, seria profanado por mãos, lábios e demais partes infectas e impuras do corpo da prostituta. Notam-se nesta parêmia os vocábulos *scortum* e *meretrix*, dois termos advindos do latim clássico, sendo o primeiro designativo tanto de prostituta quanto de homem prostituído, já que sua forma no nominativo singular é neutra, *scortum*, *-i*.

Um provérbio em versos leoninos, com outra denominação para meretriz e de mais forte impacto, encontra-se no manuscrito **B**: *De meretrice puta, quod sit sua filia puta: / Nam sequitur leviter filia matris iter, i.e.*, “Da meretriz vem a puta, já que a filha daquela é puta: / Com efeito, a filha segue sem dificuldades o caminho da mãe”. O vocábulo *puta*, indexado pela primeira vez em língua portuguesa no século XIII (**apud** CUNHA: 1982: 649), seria a forma feminina do termo clássico *puttus*, “rapazinho”. A parêmia indica o prosseguimento do ofício materno pela sua filha, já que a natureza viciosa da meretriz condicionaria a sua própria prole, sem a perspectiva de uma mudança de vida. Fato digno de nota é que em língua portuguesa há uma expres-

são que guarda as similaridades entre o elemento genitor e seu filho, porém com o eixo deslocado para a figura masculina e sem a explícita conotação do provérbio medieval: *tal pai, tal filho*.

Para caracterizar a figura da meretriz dentro do universo medieval chama-nos especial atenção a parêmia 202 em verso leonino do manuscrito **Ba**, *Noscitur absque nola meretrix imagine sola*, “A meretriz é reconhecida, na ausência de uma sineta, somente pelo aspecto”. Neste texto é fato de singular importância para a análise sociológica da figura da prostituta no espaço germânico a sineta, *nola*, que a destacaria e permitiria seu reconhecimento e identificação por parte da comunidade onde coabitava. Tal fato, aliado provavelmente aos traços fisionômicos, físicos e à vestimenta da meretriz, serviriam para caracterizá-la e, consoante os ensinamentos dos clérigos-mestres, para delas desviar os homens de bem munidos com as verdades divinas.

Assim, delineia-se de forma sucinta a figura da meretriz na tradição paremiológica do *corpus* rimado de Werner. Como portas da morte, vendedoras do sacrossanto corpo de Cristo e perpetuadoras de Eva, as prostitutas encerram consigo de acordo com o ponto de vista do clérigo medieval mais vícios, defeitos e abominações do que quaisquer outras representantes do sexo feminino. Não se adequando ao casamento cristão e à procriação, embora saciando os desejos libidinosos dos homens que se dispunham a pagar pelos seus serviços, as prostitutas medievais eram excluídas da vida social e dos sacramentos cristãos, servindo seu modo de vida aos autores de provérbios como modelo perfeito de conduta a ser negada e condenada nesta vida e no Juízo Final.

VI. A ESSÊNCIA A REDIMIR - MULIER

Provérbio: **Nec hodie nec heri nec cras credas mulieri!** (manuscrito **Ba** 181)

Tradução: Nem hoje, nem ontem, nem amanhã creias em uma mulher!

Seguindo a caracterização pejorativa vinculada ao sexo feminino, as parêmias rimadas com o vocábulo *mulier* espelham o estado pecaminoso de sua condição natural, fator de desagregação moral e social.

No que tange à *femina* e à *meretrix*, observa-se a inata propensão ao mal da figura feminina. Genericamente podem ser arrolados mais qualificativos nada lisonjeiros sobre a *mulier*. Remontando-nos a São Tomás de Aquino, citado por Carlos Roberto Figueiredo Nogueira (1991:105), podemos sumarizar através de suas palavras a idéia de imperfeição do ser feminino e a preponderância natural do homem:

No fenômeno da geração, é o homem que desempenha um papel positivo, sua parceira é apenas um receptáculo. Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. A fêmea é um macho diferente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pela *imbecililas* de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela.

Definições de tal ordem sobre a mulher procuravam, na verdade, encobrir um discurso patriarcal, que utilizava os textos bíblicos para justificar seu papel de ascendência e de superioridade no manejo e controle das coisas terrenas e celestes. Eva, a grande inimiga dos homens, deveria ter sua liberdade de movimentação restringida, senão completamente eliminada.

Com o intuito de assegurar o monopólio masculino dos assuntos divinos, condição básica para gerir a matéria terrena e “na luta pelo celibato sacerdotal, os reformistas costumavam atribuir todas as culpas dos pecados da carne às mulheres, verdadeiras tentadoras que desviavam os monges de seu caminho” (*apud* ROIO: 1997: 80). Cala-se quase totalmente sobre a utilização das mulheres como força de trabalho nos campos e nas cidades. A imagem feminina como perversora dos homens e do mundo, à exceção daquelas que se tornam “esposas do Cordeiro” ou mães exemplares, é solidificada nos escritos eclesiásticos, dentre os quais os provérbios escolares se salientam como importante documentação.

A parêmia 181 em verso leonino do manuscrito **Ba** traduz em sua mensagem a falsidade daquilo que é afirmado pela mulher. Na Baixa Idade Média, onde empenhar a palavra significava praticamente assinar com o próprio corpo e mente a afirmação ora dada, volta-se aos tempos pretéritos, vive-se a contemporaneidade da época e lança-se os olhos ao futuro para que se corrobore aquilo que a tradição experiencial já justificara, ou seja, que as palavras da mulher, ao contrário do verbo bíblico, não podem ser postas em prática, caso contrário, ocorrerão efeitos extremamente perniciosos à moral dos filhos de Deus. O ato de *credere*, “crer, acreditar em”, portanto, deve ser, segundo nosso ponto de vista, destinado ao Altíssimo, na invocação do “Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do céu e da terra”.

A mesma advertência é formulada pelos provérbios, *Quisquis eris, si credideris fidei mulieris, / Crede michi, si credis ei, tu decipieris* – manuscrito **B** –, “Quem quer que sejas, se creres na fidelidade da mulher, / Crê em mim, se nela crês, tu cairás numa armadilha” e *Non nimium blandis credas verbis mulieris: / Crede mihi, si credis ei, tu decipieris* – também manuscrito **B** –, “Não creias excessivamente nas ternas palavras de uma mulher: / Crê em mim, se nela crês, tu cairás numa armadilha”. A primeira parêmia, em dístico com versos leoninos e *caudati* e a segunda, com versos *caudati*, têm no verbo *credere* o marcador discursivo paremiológico da oração. O apelo para que a voz do autor seja seguida é evidente – *Crede* –, pois a mesma concede um grau de autoridade validada pela experiência, que, em nível de subtexto remete o leitor / ouvinte, independentemente de sua classe ou posição social, a aceitar as palavras oriundas de vivências passadas e que, por isso mesmo, se configurariam em discurso incontestado. No primeiro provérbio, além do mais, menciona-se a *fides mulieris*, num jogo antitético contra a *fides christiana*, representada e defendida pelos membros preferentemente masculinos da Igreja.⁴ Em um plano lexical, nota-se o uso da

4 Claro está que se fundaram ordens religiosas femininas no limiar do século XI e princípios do século XII, porém seu número era bem reduzido. Para uma compreensão melhor do fenômeno da emergência destas ordens cf. SALISBURY, Joyce E. (1995) e LOYN, H. R. (1992:266).

forma *michi*, correspondente à forma clássica do dativo *mihi*, do pronome *ego*, aqui grafado com o -c- medial. Interessante para uma análise lingüística é que possivelmente esta forma comum do latim medieval em terras germanófonas tenha influenciado o acusativo do pronome *ich*, “eu” em alemão moderno, *mich*. Saliente-se, outrossim, a forma verbal *decipieris*, que em uma de suas acepções significa “cair em uma armadilha”, que nos parece extremamente apropriada a simbolizar os artifícios preparados pela mulher com vistas a desviar o homem de seu papel na terra e destino futuro no céu.

Em se tratando do segundo provérbio, delimitam-se melhor as armadilhas femininas com o uso do Dativo *blandis verbis*. O discurso oral das mulheres atrai, seduz e desfigura a ordem social, razão pela qual deve ser evitado. Neste texto, observa-se a oscilação da grafia medieval do pronome *mihi*, aqui indexado de acordo com a sua forma em latim clássico.

O apelo verbal feminino é do mesmo modo motivo de desconfiança na parêmia 145 do manuscrito **Ba** em verso leonino, *Non reputes verum iuramentum mulierum*, “Não consideres como verdadeiro o juramento das mulheres”.

O atrativo físico, tentação demoníaca encarnada no corpo da mulher, associa-se ao pecado da luxúria no provérbio 7 de Paris em verso leonino, *Quo mage formosa muller, mage luxuriosa*, “Quanto mais formosa for a mulher, mais luxuriosa”. Os prazeres mundanos, tão admoestados e acerbamente criticados pelos membros da Igreja, encontram guarida no corpo feminino, voluptuosamente predisposto a saciar os anseios da carne e também do bolso.

Em outra parêmia consolida-se a advertência aos homens para se precaverem contra os desejos pecuniários femininos: *Quidquid agas, non obiicias tua munera culquam! / His mos usque movet mentem mulieris iniquam*. – manuscrito **B**, em versos *caudati* -, “Em tudo aquilo que fazes, não exponhas teus presentes a ninguém! / Este costume move até eles a mente iníqua da mulher” A mente feminina, originariamente pervertida pelo gene de Eva, visaria aos lucros financeiros, não aos mais puros sentimentos condizentes com uma mulher companheira e submissa a seu homem e marido.

O caráter destrutivo da mulher, por isso, também é realçado nas parêmias escolares rimadas de livre circulação e conhecimento no meio *litteratus* da época. À guisa de exemplificação toma-se o provérbio em dístico com versos *caudati* do manuscrito **B**, *Sunt tria gaudia: pax, sapientia, copia rerum; / Hec tria destruit, eripit, eripit ars mulierum*, “Três são as alegrias: paz, sabedoria e abundância de bens; / A arte das mulheres destrói, arrebatada, arranca estas três coisas”. Em um plano morfofonético há a constante incidência da monotongação do ditongo clássico *ae* em *Hec*, já que a forma clássica seria *Haec* e a forma grafada *sapientia* em vez de *sapientia*, o que demonstraria preliminarmente a sibilização do grupo clássico -ti- e posterior grafia em -c-.⁵ A repetição da forma verbal *eripit*, derivada do verbo *eripio*, “arrancar, arre-

5 Sobre o grupo -ti- cf. FARIA, Ernesto (1970:109-112).

batar” é intencional, pois reforça a força e o poder destrutivos do ser feminino, já antes referendados pelo verbo *destruit*.

As alegrias do mundo podem ser interpretadas como advindas da aceitação do Cristo e das benesses de Deus: a *pax* prender-se-ia ao estado de tranqüilidade da alma humana, agora em união com seu Pai criador; a *sapiencia* estaria manifestada na incorporação e vivência diária dos ensinamentos cristãos veiculados pelo clero e a *abundantia rerum* seria o conjunto das obras criadas pelo Altíssimo, que proporcionariam ao homem medieval uma grande diversidade de meios de subsistência durante sua estada neste mundo. Em posição claramente oposta insinua-se a mulher e sua *ars*, que etimologicamente no latim clássico pode ter, dentre outros, os seguintes significados, conforme arrola Faria (1970: 109-112):

- 1) Maneira de ser ou de proceder (natural ou adquirida, boa ou má), qualidade (boa ou má) ... ; 2) Habilidade (adquirida pelo estudo ou pela prática), conhecimento técnico ...; 3) Talento, arte, habilidade ...; 4) Artifício, astúcia ...; ...²⁰⁰

A astúcia, habilidade e maneira de proceder naturalmente más da mulher teriam a capacidade de minar o gáudio oriundo da manifestação divina, a menos que ela estivesse consciente de seu estado pecaminoso original e procurasse seguir os passos de Maria, enquanto os homens se postariam vigilantes para não cair em tentação carnal.

Deste modo, a figura da *mulier* é apresentada aos jovens estudantes da Baixa Idade Média com todos os seus atributos falaciosos, sedutores e por que não dizer malignos. Interesseira e ardilosa, a mulher reunia em si os germes que culminaram com a expulsão do homem do Jardim do Éden. Ao seguir sua natureza, Eva associou-se à serpente, tornando-se tão pejorativamente animal quanto esta última, razão pela qual *Bestia crudelis est cor prave mulieris* – manuscrito **Ba** 17, em verso leonino -, “Um animal cruel é o coração de uma mulher depravada”, em que ao lado do aspecto fonético da redução do ditongo *ae* para *e* em *prave*, constata-se o uso de *bestia*, em construção predicativa nominal relacionada com *cor prave mulieris*. Com isto tencionava-se consumir na mente dos discentes e ouvintes a animalização do sexo feminino, o apelo para dele se distanciar, bem de acordo com a visão eclesiástica masculina de tradição patrística.

Destarte, a caracterização da mulher, apesar de ser tolerada dentro do catolicismo medieval, não olvida os traços congênitos da sua natureza deformada. Como a *mater familias* dos romanos, as cônjuges medievais representavam um papel simbólico dentro do universo de poder centralizado nas mãos dos homens.⁶ Apenas poucas como as nobres damas cantadas na literatura palaciana e as esposas de Cristo mereciam alguma voz em sua defesa. Na totalidade dos casos, porém, a mulher dos tempos

6 Evidentemente há vários casos de mulheres, cuja influência e poder político-social excederam os limites de seus reinos e feudos. A propósito, cf. DUBY, Georges (1995) e LOYN, H.R. (1992:266).

medievais entregava seu destino à misericórdia divina e às mãos do seu pai e esposo, cumprindo na maioria das vezes o plano que lhe fora destinado pelo Criador e propagado pelos homens da Igreja.

Este, enfim, por mais restrito que fosse o sentido, era um dos valores adjudicados à *mulier!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado da Área de Filologia Românica.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BISCHOFF, B. *et alii. Carmina Burana*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Rio de Janeiro: Seção de Reprografia da Faculdade de Letras da UFRJ, 1999. Tese de Doutorado em Letras Clássicas (No prelo).
- COMMELIN, P. *Nova mythologia grega e romana*. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1906.
- DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*. Tradução de Paulo Neves: São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Idade Média, idade dos homens. Do amor e outros ensaios*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, 1955.
- FRANGIOTTI, Roque. *História da teologia – período medieval*. São Paulo: Paulinas, 1992. Coleção Patrologia. Vol.2.
- GONZÁLEZ, Aurelio. *De amor y matrimonio en la Europa medieval. Aproximaciones al amor cortés* In: COMPANY, Concepción Company. (Edit.) *Amor y cultura em la Edad Media*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1991. p.29-42.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. *Mittellateinisches Glossar*. 2. Aufl.. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.
- JASON, Heda. *Proverbs in society: the problem of meaning and function*. In: *Proverbium - Bulletin d'Information sur les Recherches Parémiologiques*. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1971. V.17, p. 617-623.

- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Margarida Sérvulo Correia. 2. ed.. Lisboa: Gradiva, /s.d./.
- LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. 35. Auflage. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1979.
- LOYN, H. R. (Org.) I. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e história. As práticas mágicas no Ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1991.
- OBELKEVICH, James. *Proverbs and social history*. In: *Wise words. Essays on the proverb*. Edited by Wolfgang Mieder. New York, London: Garland Publishing, Inc., 1994. p. 211-252.
- RIBEIRO, Daniel Valle. *Igreja e estado na Idade Média. Relações de poder*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- ROIO, José Luiz del. I. São Paulo: Ática, 1997.
- ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SALISBURY, Joyce E. *Pais da igreja, virgens independentes*. Tradução de Tânia Marques. São Paulo: Página Aberta, 1995.
- SIMON, Maria Lúcia Mexias. *Para uma estrutura proverbial nas línguas românicas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1989. Dissertação de Mestrado em Filologia Românica.
- TAYLOR, Archer. *The proverb and an index to 'The proverb'*. Bern; Frankfurt am Main; New York: Lang, 1985.
- WERNER, Jakob. *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.